



Oculum Ensaio

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Brasil

DE BARROS CORREIA, TELMA
A INDÚSTRIA E O URBANO: AGLOMERAÇÕES GERADAS POR FÁBRICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Oculum Ensaio, vol. 10, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 29-42
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732216003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A INDÚSTRIA E O URBANO: AGLOMERAÇÕES GERADAS POR FÁBRICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

THE INDUSTRY AND THE URBAN SPACE: TOWNS CREATED BY FACTORIES IN THE STATE OF SÃO PAULO | LA INDUSTRIA Y LO URBANO: AGLOMERACIONES GENERADAS POR FÁBRICAS EN EL ESTADO DE SÃO PAULO

TELMA DE BARROS CORREIA

RESUMO

Este artigo aborda a criação de aglomerações urbanas por fábricas no estado de São Paulo, durante os séculos XIX e XX, e procura enfatizar a relevância do fenômeno no processo de urbanização do estado tanto em termos do número de aglomerações geradas quanto da importância alcançada por algumas dessas aglomerações. Mostra como várias dessas aglomerações urbanas mantiveram sua condição de pequeno núcleo inserido dentro de uma propriedade particular, enquanto outras, após anos nessa condição, desapareceram voltando à condição rural. Em outros casos, a aglomeração se expandiu e se converteu em cidade ou em bairro de cidade. O texto discute as contingências de surgimento e as características dessas aglomerações, bem como as causas do declínio dessa ação a partir da década de 1950, associado a mudanças na forma urbana e nas indústrias. Essa ação das fábricas — assim como de outros tipos de empresas, como usinas de açúcar, ferrovias, mineradoras e hidroelétricas —, é fundamental para uma compreensão ampla das diversas origens do urbano ao longo do processo de povoamento e de estruturação da rede urbana paulista.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades. Fábricas. Núcleos fabris. São Paulo. Urbanização.

ABSTRACT

The paper discusses the establishment of urban agglomerations by factories in the state of São Paulo during the 19th and 20th centuries. It emphasizes the relevance of the phenomenon in the process of urbanization of the state in terms of the number of settlements and the importance achieved by some of them. It shows that some of these urban agglomerations have maintained their status as company towns, while others after years in this condition have disappeared, returning to the rural condition. In other cases the agglomeration has expanded and became a town or a district. The paper discusses the emergence and the characteristics of these settlements as well as the causes of the decline in the 1950s associated with changes in the urban space and industries. The activities of factories — as

well as other types of companies such as sugar mills, railroads, mining and hydroelectric facilities —, is fundamental to increase our understanding of the diverse origins of towns throughout urbanization and structuring process of the São Paulo's urban network.

KEYWORDS: Cities. Factories. Company towns. São Paulo. Urbanization.

RESUMEN

Este artículo aborda la creación de aglomeraciones urbanas por fábricas en el estado de São Paulo, durante los siglos XIX y XX, y trata de enfatizar la relevancia del fenómeno en el proceso de urbanización del estado tanto en términos del número de aglomeraciones generadas cuanto de la importancia alcanzada por algunas de esas aglomeraciones. Muestra como varias de esas aglomeraciones urbanas mantuvieron su condición de pequeño núcleo inserido en una propiedad particular, mientras otras, tras años en esa condición, desaparecieron volviendo a la condición rural. En otros casos, la aglomeración se expandió y se convirtió en ciudad o en barrio de la ciudad. El texto discute las contingencias de surgimiento y las características de esas aglomeraciones, así como las causas del declive de esa acción a partir de la década de 1950, asociado a cambios en la forma urbana y en las industrias. Esa acción de las fábricas — así como de otros tipos de empresas, como usinas de azúcar, ferrovías, minerías e hidroeléctricas —, es fundamental para una comprensión amplia de las diversas orígenes de lo urbano a lo largo del proceso de poblamiento y de estructuración de la red urbana paulista.

PALABRAS-CLAVE: Ciudades. Fábricas. Núcleos fabriles. São Paulo. Urbanización.

O URBANO E A FÁBRICA

No Brasil, entre o século XIX e o século XX, sobretudo, muitas povoações tiveram origem a partir de iniciativas de fábricas, empresas de mineração, ferrovias e empresas de geração de eletricidade. Trata-se de um fenômeno associado à industrialização e que, como tal, encontrou uma expressão privilegiada no estado de São Paulo, onde foi relevante em termos de importância quantitativa e de impacto na organização do território e na difusão de novos modelos urbanos e de habitação.

A construção de vilas operárias em cidades e de núcleos fabris consistiu em um dos profundos impactos causados pela emergência da grande indústria sobre a urbanização e a moradia do trabalhador. A construção de vilas operárias e núcleos fabris visou superar dificuldades de atração e retenção de mão de obra pela indústria e possibilitar uma ingerência direta das fábricas no cotidiano operário. Nessas experiências, uma moradia que atendesse a preceitos de higiene e propiciasse conforto e privacidade articulou-se muitas vezes à criação de equipamentos coletivos — igreja, escola, clube, cinema, armazém de consumo etc. —, configurando um modelo de *habitat* e de organização do cotidiano operário favorável à

produtividade no trabalho. A criação de núcleos fabris em localidades isoladas de cidades associa-se à busca por terras baratas, por proximidade em relação às fontes de energia (matas e cachoeiras) e por autonomia da indústria em relação aos poderes sediados nas cidades.

Os interesses das fábricas nessas iniciativas, em termos da intensificação de mecanismos de controle e de exploração do trabalho, constituem um aspecto essencial dessa modalidade de ação, que tem sido assinalado desde o clássico “*A Questão da Moradia*”, de Engels (1975). Nessa perspectiva, o tema da moradia criada por fábricas em São Paulo foi abordado de forma pioneira nas décadas de 1970 e 1980 por Eva Blay, em trabalhos que privilegiavam a análise das relações entre indústria, habitação e urbano em termos de seus reflexos sobre as relações de trabalho e as condições de vida dos moradores (Blay, 1979, 1985). Uma bibliografia mais recente — sem desconsiderar o aspecto essencial dessa modalidade de produção de moradias —, tem tratado o tema sob outras perspectivas: características urbanísticas e arquitetônicas dos conjuntos; relações entre Estado e empresas na sua produção e gestão; modalidades de acesso às moradias; processos de desmonte e descaracterização; iniciativas de tombamento e conservação dos conjuntos etc. (Correia, 1997; Zequini & Andrade, 1999; Balleiras, 2002; Correia 2004; Vichnewski, 2004; Gunn & Correia, 2005, 2006; Correia 2008, 2011; Jeronymo, 2011). Este artigo insere-se nessa segunda perspectiva.

As características dessa ação em São Paulo são tratadas partindo-se do pressuposto de que a investigação das particularidades do urbano geradas por empresa deve ser feita em aglomerações de diferentes portes e trajetórias — eventualmente nomeadas como fazendas, povoados, vilas, cidades ou bairros. Assim, este artigo trata não apenas dos núcleos residenciais que se converteram em cidades, como também daqueles que não se expandiram e que, eventualmente, foram demolidos. Portanto, trata-se de buscar a origem do urbano em núcleos residenciais com diversas características e *status* no processo de urbanização, extrapolando, assim, o estudo das formas urbanas consagradas pela historiografia.

Centenas de casas foram erguidas no estado de São Paulo por indústrias para abrigar seus empregados, especialmente no período entre 1880 e 1950. Essa ação deu origem a cidades como Votorantim, Caieiras e Alumínio, a núcleos fabris isolados como Ipanema, e a bairros como São Miguel Paulista, em São Paulo. Outras dessas aglomerações urbanas, entretanto, mantiveram sua condição de pequena aglomeração inserida dentro de uma propriedade, outras após anos nessa condição desapareceram voltando à condição rural.

A PERSISTÊNCIA DA CONDIÇÃO DE PEQUENA AGLOMERAÇÃO

Várias aglomerações urbanas criadas por fábricas no estado de São Paulo entre 1810 e 1950 mantiveram sua condição de pequena aglomeração inserida dentro de uma propriedade. Esse é o caso do núcleo fabril da Real Fábrica de Ipanema (hoje situado em Iperó) e dos núcleos fabris da Fábrica Votocel e da Mecânica Pesada.

O marco inicial da história desse tipo de aglomeração no estado de São Paulo é o núcleo fabril da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, fundada em 1811, em localidade próxima a Sorocaba, e que funcionou até 1895. Tratava-se de uma sociedade anônima subordinada ao Ministério da Guerra. Produzia cilindros para engenhos de açúcar, utensílios de ferro e armas. Seus primeiros operadores eram escravos, dirigidos por técnicos estrangeiros. Um conjunto arquitetônico significativo desenvolveu-se no local, reunindo instalações fabris, moradias e equipamentos de uso coletivo. Nele foi construído açude, canal, pontes, fornos, armazéns, serraria, depósitos, oficinas, olaria, carpintaria, casa de fundição etc. Havia ainda construções para abrigar os operadores e dirigentes da fábrica. De acordo com o inventário das obras realizadas em Ipanema até 1821, o núcleo reunia também 13 residências para abrigar as famílias do diretor, de artífices contratados e de prestadores de serviços, além de senzalas, alojamento para soldados, armazém de víveres, hospital e capela (Inventário..., 1821). Posteriormente, outras casas e duas escolas foram construídas no local. Aspectos de Ipanema foram registrados por vários viajantes que lá estiveram durante o século XIX, como Saint-Hilaire (1976, p.190), que relata aspectos do lugar em 1820:

Quando cheguei não pude deixar de admirar a sua extensão, o movimento que reina no lugar e a beleza da paisagem. Ainda não tinha visto nada que se lhe comparasse desde que chegara ao Brasil [...]. As construções de que se compõe o estabelecimento formam uma espécie de anfiteatro, abaixo do qual passa o Rio Ipanema, afluente do Sorocaba. Para se chegar às fundações atravessa-se o Ipanema por uma ponte bastante larga. Logo defronte fica uma casa grande, onde mora o diretor. À esquerda vê-se um belo lago artificial, que represa as águas do rio [...]. À esquerda, entre as duas partes da ponte, há um prédio quadrado que serve de depósito e no qual fica a caixa do estabelecimento. É à direita, do lado oposto da represa, que se acham todas as construções de que se compõem as forjas. À beira do rio vêm-se as antigas forjas feitas pela companhia sueca [...]. As novas estão situadas num plano mais elevado [...]. Num ponto ainda mais elevado vêm-se várias construções, que servem de oficinas e de alojamentos para os empregados, os escravos e, finalmente, para o destacamento militar acantonado ali.

A ordem espacial de Ipanema (Figura 1) preservava muito das fazendas e engenhos do período colonial. Seu programa incluía casa-grande, moradias para trabalhadores livres, senzalas, capela e instalações ligadas à produção. A esse programa, que se aproxima daquele de engenhos e fazendas da época, foram acrescentadas instalações vinculadas ao seu caráter militar — alojamento para soldados e cadeia —, e voltadas ao abastecimento e à saúde — hospital, botica e armazém. A disposição das construções também recupera muito da ordem espacial de fazendas e engenhos: o grande pátio em frente à casa-grande,

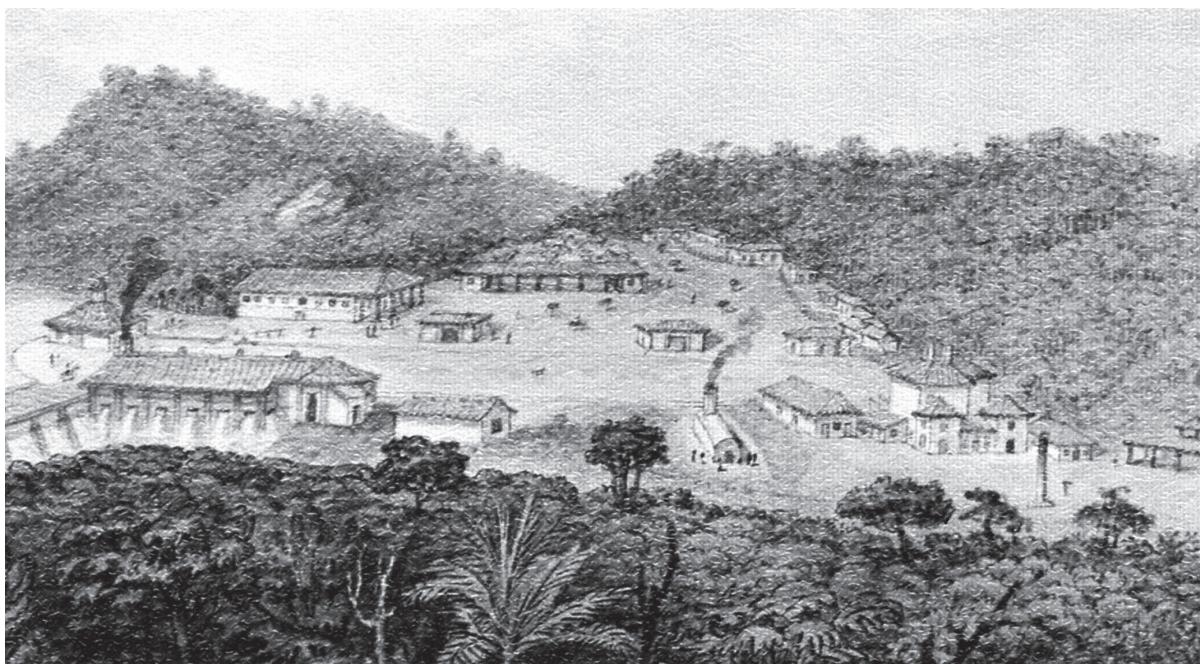


FIGURA 1 – Aquarela pintada por Debret em 1827 retratando Ipanema.

Fonte: Associação Brasileira dos Metais (1989, p.26).

que se ergue isolada, e as moradias menores dispostas em filas. A casa-grande — com seu telhado de quatro águas e seu alpendre frontal, para o qual se abre uma pequena capela —, remete à “casa bandeirista”. Seu uso — como sede administrativa da empresa e residência do diretor —, também remete à dupla função tradicional da casa-grande rural.

A povoação de Ipanema teve uma trajetória ímpar, alterando usos, mas sempre se mantendo como propriedade estatal e como local de trabalho e moradia: foi núcleo fabril; quartel; abrigou instalações do Ministério da Agricultura e, posteriormente, abrigou instalações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Em 1992, foi criada a Floresta Nacional de Ipanema, e o Ibama se instalou no local. Em 2001, a maioria das cerca de 80 moradias existentes abrigavam funcionários do Ibama.

A não conversão do povoado de Ipanema em cidade está vinculada a uma ação deliberada da fábrica nos seus primeiros anos de existência, quando seu diretor, Frederico Luiz Guilherme Varnhagem, mostrou-se, em 1817, contrário à ordem do Rei Dom João VI, que criou a paróquia e a capela no local. Argumentava que as famílias que seriam atraídas ao local usariam a lenha, prejudicando o fornecimento do combustível para a fábrica. Embora não tenha conseguido impedir a criação da paróquia, Varnhagem proibiu o corte de lenha pelos novos moradores, inviabilizando sua permanência no local.

Posteriormente, outras aglomerações criadas por fábricas mantiveram-se na condição de núcleo fabril, pertencendo à indústria e abrigando seus empregados. Um exemplo neste sentido é o núcleo fabril da fábrica Votocel, inaugurada em 1948, situado no muni-

cípio de Votorantim. A chamada Vila Votocel inclui duas escolas, armazém de abastecimento, clube, igreja e cerca de 120 casas. Em 1956, foi erguido um núcleo residencial pela fábrica Mecânica Pesada, no município de Taubaté, cujo projeto, elaborado pelos arquitetos Jacques Pilon e Giancarlo Gasperini, incluía 325 casas destinadas a operários, técnicos e engenheiros, área para esportes, centro social e comercial, casa de hóspedes, igreja, escola, clube e residência do diretor, além de um refeitório e um ambulatório junto às instalações fabris. Nos dois últimos casos — raros —, a aglomeração continua existindo, pertence à fábrica e preserva seus contornos originais.

AGLOMERAÕES DE BREVE EXISTÊNCIA

A maior parte das aglomerações urbanas criadas por fábricas no estado de São Paulo teve curta existência. Mantiveram por algumas décadas a condição de núcleo fabril e depois desapareceram, voltando à condição rural. Entre essas estão a Fazenda da Fábrica em São Luís de Paraitinga, Fazenda Coruputuba, Carioba, Rodovalho e os núcleos fabris da Fábrica de Cimento Votoran e da Rhodia.

Algumas poucas moradias para operários foram criadas pela Fábrica de Tecidos São Luís, fundada em 1880, na Fazenda da Fábrica em São Luís de Paraitinga. Essa indústria fechou após alguns anos de funcionamento. Em janeiro de 2002, restava desse pequeno núcleo fabril apenas a casa-grande e as ruínas do prédio da fábrica.

O imenso núcleo fabril erguido a partir de 1927 pela fábrica de papel e celulose Cícero Prado no município de Pindamonhangaba, denominado fazenda Coruputuba, contou com igreja, clube, armazém, cinema, área para prática de esportes e cerca de 500 moradias. No início da década de 1950, moravam na fazenda mais de 3 mil pessoas. Em 1954, a fazenda Coruputuba — juntamente com o bairro de Moreira César —, era descrita como “Um verdadeiro distrito, com todos os recursos à vida social e econômica dos seus moradores, em padrões dos mais modernos” (D’Arace, 1954, p.217). Em janeiro de 2001, esse núcleo fabril estava em pleno processo de desmonte, restando apenas a igreja, o prédio do armazém e 33 casas, das quais 5 haviam sido integradas às instalações fabris e mudado de uso. Pilhas de metralhas e esqueletos de prédios em demolição surgião em meio ao mato que gradualmente substituía o núcleo residencial.

A chamada Vila Santa Helena, da Fábrica de Cimento Votorantim (Votoran), criada em 1936, reunia cerca de 250 casas, capela, escola, cinema e clube. Em janeiro de 2001, o núcleo fabril estava quase totalmente desmontado. Dele restavam a igreja, um templo protestante, o clube e um bloco de 13 moradias (das quais 2 já desocupadas). Entre a igreja e a fábrica, sobrevivia uma praça. Em torno da igreja, as antigas ruas persistiam, compondo uma trama inexplicável em meio aos antigos quarteirões de casas, agora convertidos em gramados. Em um ponto mais distante, erguia-se um templo protestante. Em alguns pontos periféricos, ainda era possível observar montanhas de metralhas e casas em processo de desmonte.

O Grupo Votorantim também adquiriu a Indústria de Papel Simão, criada em 1958, em Jacareí, a qual possuía junto às suas instalações um núcleo fabril que reúne cerca de 40 casas, uma escola, uma praça de esportes, uma cooperativa de abastecimento e um clube. Em janeiro de 2001, todas as casas haviam sido demolidas assim como o clube, e o prédio da escola havia sido transformado em escritório da empresa. O local onde ficavam as casas dos gerentes estava sendo utilizado para estocagem de madeira e o local das casas operárias estava em obras para a ampliação das instalações fabris.

A chamada Vila Rhodia foi erguida na década de 1940, junto às instalações fabris da Rhodia S.A., em Paulínia. Esse núcleo reunia casas destinadas a engenheiros e a gerentes, escola, igreja, clube e cooperativa de consumo. Na década de 1990, foi submetido a processo de desmonte, com a demolição do prédio da cooperativa e das casas. Em janeiro de 2002, só restavam a igreja e o prédio que abrigou a escola. Um pouco deslocado do antigo núcleo fabril, ainda havia um clube.

Carioba é um exemplo de aglomeração que se originou como núcleo fabril e chegou a ser considerada como bairro de Americana, sendo, posteriormente, demolida. Foi criada pela Fábrica de Tecidos Carioba, fundada em 1875, em localidade distante 3km da estação ferroviária de Americana, e sua expansão deu-se, sobretudo, nas duas primeiras décadas do século XX. Em 1911, o “Almanach Historico e Estatístico de Campinas” registrava a existência no local de 150 moradias, escola e clube (Octavio & Melillo, 1911). Carioba também contou com igreja, sociedade de mútuo socorro e cooperativa de abastecimento. Atualmente, pouco resta desse núcleo residencial. Na década de 1980, o crescimento de Americana em direção à antiga Vila Carioba a havia convertido no bairro Carioba, o qual, entretanto, estava se despovoando e assistindo à progressiva demolição de suas construções. O fechamento da fábrica em janeiro de 1977 demarca o momento em que se desencadeia a destruição de Carioba e se inicia uma longa disputa entre grupos interessados na preservação do núcleo fabril e seus proprietários empenhados no seu desmonte. Essas iniciativas, entretanto, conseguiram preservar muito pouco do núcleo fabril. Em janeiro de 2002, a igreja havia sobrevivido ao desmonte de todas as construções do seu entorno; a Casa Hermann abrigava a Casa de Cultura Hermann Müller (administrada pela Prefeitura, após restauro que contou com apoio financeiro da Ripasa); o prédio da escola e uma casa vizinha sediavam o Arquivo Histórico Municipal; umas poucas casas menores estavam em ruínas, e outras ocupadas, e as antigas instalações fabris abrigavam várias pequenas empresas.

Rodovalho é um caso muito particular de um núcleo fabril abandonado e posteriormente parcialmente reaproveitado por outro núcleo fabril, que se converteria na cidade de Alumínio.

A CONVERSÃO EM BAIRRO OU CIDADE

Entre as cidades paulistas cuja origem repousa em aglomerações criadas por fábricas estão Votorantim, Alumínio e Caieiras. Entre os núcleos fabris que originaram bairros de cidades está o núcleo fabril da Fábrica de Fiação e Tecidos Santa Rosália em Sorocaba.

A partir da década de 1890, o núcleo fabril criado pela Fábrica de Estamparia e Alvejaria Votorantim, inaugurada em 1892, no município de Sorocaba, iniciou um período de intensa expansão, que se estenderia até a década de 1950. Em obra publicada em 1921, Alfredo Cusano demonstrava sua admiração diante da amplitude do conjunto de construções erguido pela fábrica:

O visitante descendo da estação, que nunca aqui tenha estado, não crê realmente encontrar-se em uma fábrica de tecidos, mas supõe entrar em uma pequena cidade, com uma grande igreja cujo Vigário é italiano, com cerca de 500 casas todas habitadas por operários do estabelecimento, um belo teatro, um campo esportivo e grandiosos edifícios da fábrica, administração, gabinete médico-cirúrgico e a habitação dos diretores e dos mestres, mais duzentas casas habitadas por pessoas estranhas à Votorantim, mas que trabalham e vivem com ela indiretamente (Cusano, 1921, p.296).

Em 1950, Votorantim reunia um conjunto expressivo de construções erguidas pela fábrica (Figura 2): além das amplas instalações industriais, cerca de 600 casas, clubes, hospital, escolas, creche, igreja e armazém de consumo. Na descrição de 1921, acima, nota-se que, além das casas pertencentes à fábrica, havia outras. Portanto, a aglomeração já extrapolava o núcleo fabril. Esse processo de paulatina conversão do núcleo em uma aglomeração “aberta” encontra um momento importante a partir de 1938, quando a empresa incentiva a compra da casa própria mediante prestações descontadas no salário (Scantimburgo, 1986). O desmonte do núcleo fabril se aprofundou a partir de 1965, quando Votorantim tornou-se cidade autônoma, após plebiscito, realizado em

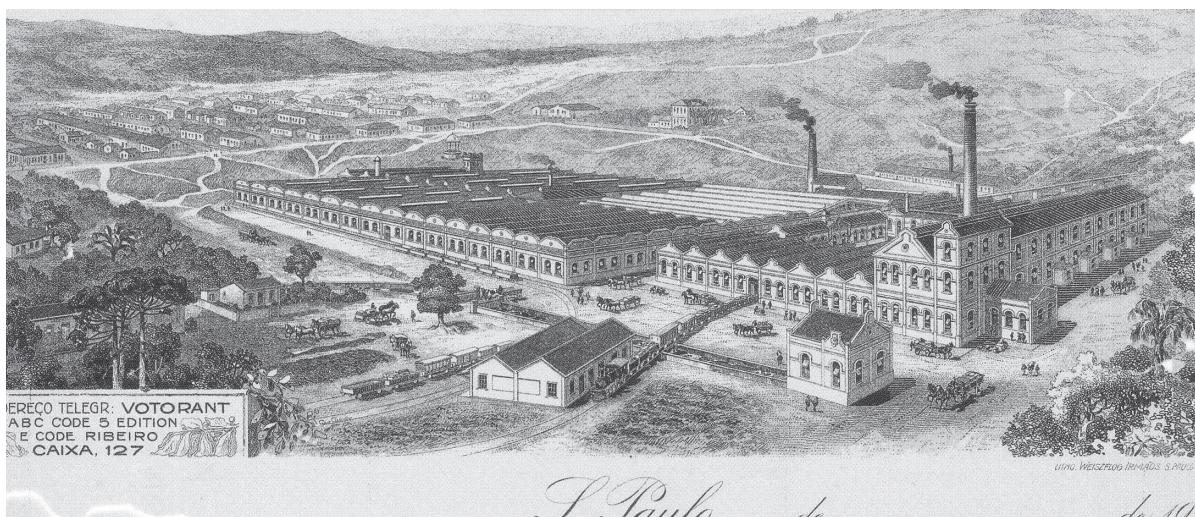


FIGURA 2 – Votorantim no início do século XX.

Fonte: Votorantim (2006, p.1).

1963, que decidiu pelo seu desmembramento de Sorocaba. Na campanha pela emancipação, o Grupo Votorantim teve participação ativa, distribuindo material de propaganda e se fazendo presente em comícios, inclusive no de encerramento da campanha com o então Gerente da Fábrica e com o Superintendente do Grupo, José Ermírio de Moraes Filho. Na década seguinte, o desmonte avançou com a venda das casas aos moradores. Em seguida, a fábrica foi se desfazendo dos equipamentos de uso coletivo. Em 1973, o cinema — que pertencia ao *Club Atlético Votorantim* —, foi fechado. A capela de São João Batista, parcialmente destruída por enchente em 1982, foi demolida. Em 1989, foi criada a Associação Votorantense de Amparo ao Menor (AVAM), que assumiu a administração da creche, cujo prédio foi doado em 2000 pela Votorantim. Em 1999, a Prefeitura Municipal desapropriou o estádio de futebol e o hospital Santo Antônio foi municipalizado (Votorantim, 2000).

A Votorantim criou ainda o núcleo fabril da Companhia Brasileira de Alumínio, edificado na década de 1940, com cerca de 440 casas, igreja, escolas, clube, posto de saúde e armazém de consumo. Essa fábrica e seu núcleo fabril se instalaram no local onde havia — a partir de 1897 —, a Fábrica de Cimento Rodovalho, junto à qual também existiu um núcleo residencial com cerca de 100 casas. Em 1921, Antônio Pereira Ignácio comprou a fábrica Rodovalho e seus terrenos, e, em 1923, desativou essa indústria. Em 1945, ao lado de alguns resquícios da fábrica e do núcleo fabril da Rodovalho, erguia-se a fábrica de Alumínio da Votorantim e seu núcleo fabril. A estação ferroviária Rodovalho passou a se chamar Alumínio em 1946. Em 1963, existiam, no local, moradias remanescentes da antiga Rodovalho, as quais foram depois demolidas.

Em 1991, Alumínio se tornou autônoma do município de São Roque, passando a sediar um novo município. Novos bairros, com prédios públicos, casas e estabelecimentos comerciais se implantaram. Em 2000, sua população urbana era estimada em 12 mil pessoas (Alumínio, [2010?]). A área compreendida pelo antigo núcleo fabril — denominada de “Vila Industrial” —, entretanto, continuava pertencendo à fábrica. Em janeiro de 2002, uma escola criada pela fábrica estava desativada, assim como o cinema da Associação Atlética Alumínio, cujo espaço estava sendo utilizado como teatro. Entretanto, a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) continuava proprietária das casas e as alugava aos seus empregados. Os hotéis para engenheiros e técnicos, o clube, a igreja e a cooperativa de consumo continuavam a ser mantidos pela fábrica.

Caieiras é outro exemplo de núcleo fabril que gerou cidade. Nesse caso, entretanto, a cidade se expandiu ao lado no núcleo, do qual atualmente poucas casas restam. O núcleo fabril de Caieiras começou a ser construído pela Companhia Melhoramentos S.A., fundada em 1883, no século XIX, e chegou a reunir, no século XX, cerca de 700 casas, igreja, escolas, clube, hospital e teatro. Na década de 1920, o núcleo residencial dessa empresa surpreendia pelas dimensões atingidas e pelo caráter autárquico que assumiu (Figura 3). Conforme descrição da época:

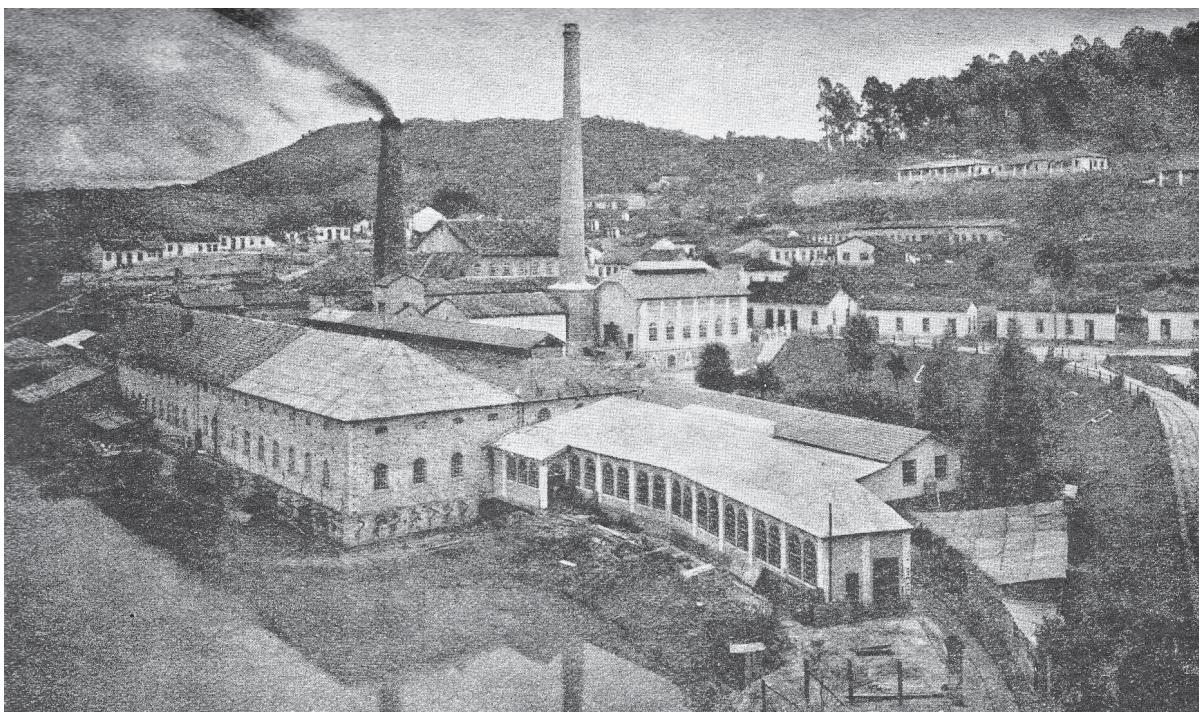


FIGURA 3 – Caieiras na década de 1920.

Fonte: Centro dos Fabricantes Nacionais de Papel ([1925], p.39).

Possue Cayeiras 650 casas, para operarios e administração; 4 000 alqueires de terra, quasi todos plantados de especies vegetaes proprias para a industria do papel, como sejam eucalyptos, cryptomea japonica, casuarinas etc.; linha ferrea na extensão de 30 kilometros corta a propriedade em diversas direcções; possue 7 escolas com media de frequencia de 40 alumnos e um grupo de 100 escoteiros, filiados á Associação Brasileira de Escoteiros; 1 500 operarios e suas familias; pharmacia; templo religioso, theatro, hospital em construcção, associações recreativas e desportivas, jornal publicado por auxiliares da Companhia etc. (Centro dos Fabricantes Nacionais de Papel, [1925], p.38).

Em 1958, Caieiras emancipou-se, convertendo-se em cidade sede de um município. A partir de então, enquanto a cidade crescia, o núcleo fabril a seu lado ia sendo lentamente desmanchado. Inicialmente, a empresa procurou criar alternativas para alojar seus empregados. Em 1961, a fábrica fundou uma empresa imobiliária que sorteou 20 casas e as financiou para trabalhadores da empresa, dando início ao bairro de Crisciuma. Em 1986, outra empresa imobiliária foi criada, voltada à venda de lotes para casas de alto padrão (Jeronymo, 2011). A partir da década de 1980, procedeu-se a uma intensa demolição de casas no núcleo fabril que se estendeu até 2011. Centenas de casas e a quase totalidade dos equipamentos coletivos foram demolidas. Em 2011, restavam poucas construções: igrejas, escolas, armazém

e poucas casas. A indústria de papel permanecia funcionando em Caieiras e conservando a propriedade de amplas áreas rurais.

O núcleo fabril da Fábrica de Fiação e Tecidos Santa Rosália em Sorocaba é um exemplo de aglomeração isolada criada por fábrica que se converteu em bairro de cidade. Fundada em 1890, essa fábrica foi implantada à margem do rio Sorocaba e da estrada de ferro Sorocabana, em área suburbana a cerca de 1km de distância da cidade de Sorocaba. Em 1901, Bandeira Júnior descrevia a vila operária dessa indústria como composta por moradias destinadas à administração e ao pessoal auxiliar, e por 50 casas para operários e estabelecimentos comerciais (Bandeira Júnior, 1901). O núcleo foi ampliado a partir da década de 1940, com a construção de um grupo de cerca de 400 moradias, posto de abastecimento, açougue, armazém de tecidos, clube, cinema, grupo escolar, escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), escola maternal, creche e igreja. Em 1950, o Almanaque de Sorocaba assim descrevia a vila:

A Companhia Nacional de Estamparia edificou para seus operários, em Santa Rosália, uma verdadeira cidade-jardim, com cerca de 400 “bungallows” e que constitui passeio obrigatório de todo visitante de Sorocaba. Amplas avenidas arborizadas, igreja, grupo escolar, hospital, estádio, jardins, loja, posto de abastecimento caracterizam, bem, o verdadeiro burgo que ali cresceu (Almanaque de Sorocaba, 1950, p.121).

Havia também um estádio, um cineteatro, uma escola maternal, uma Escola Senai e um hospital. Em 1986, grande parte das moradias estava reformada, enquanto haviam sido desativados o cinema, o grupo escolar e a escola Senai (Há 40 anos..., 1986). Em 1993, a fábrica deixou de funcionar e no final da década de 1990, a área do núcleo fabril estava convertida em um bairro burguês, no qual poucas das casas da antiga vila sobreviviam. No prédio do hospital, funcionava uma Policlínica Municipal, enquanto o prédio de escola havia sido demolido. Em julho de 2000, o prédio da fábrica — após anos abandonado —, foi reformado para abrigar um supermercado e um pequeno centro comercial. Na reforma, foram demolidos, para dar lugar a estacionamento, alguns prédios, entre os quais o da antiga casa do gerente e o da creche. Esse equipamento tende a polarizar o subúrbio burguês que se expandiu junto à antiga Vila Santa Rosália.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos relevantes a respeito da configuração de núcleos fabris é a grande variação existente em termos de números de moradias e dos equipamentos coletivos criados. Encontra-se desde pequenos grupos de moradias até conjuntos amplos, como é o caso do núcleo fabril erguido pela Fábrica de Estamparia e Alvejaria Votorantim, em Sorocaba (hoje Votorantim), com cerca de 600 casas, teatro, clube, posto médico, escolas, creche, armazém de abastecimento, igreja e hospital.

Algumas vezes, são aglomerações que se ampliam durante décadas, seguindo as variações na demanda por mão de obra da fábrica. Em outros casos, o núcleo urbano é erguido de uma só vez no momento da construção da fábrica.

O desenho urbano também varia muito. Há uma tendência de as aglomerações adotarem formas lineares, seguindo a topografia do terreno ou planos em xadrez, formas que serão superadas em planos — em meados do século XX —, concebidos por urbanistas, pensados segundo os cânones dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM): com hierarquização do sistema viário; divisão funcional e social do espaço; profusão de áreas verdes; e organização a partir do conceito de unidade de vizinhança.

A segregação social interna é uma característica desse tipo de assentamento residencial, expressando-se distribuição espacial das moradias e dos equipamentos de uso coletivo. Nesse sentido, o padrão das moradias varia bastante, tanto em relação ao interior dos núcleos, como em termos do tamanho e do padrão construtivo das casas, que buscam claramente exprimir a posição do ocupante na hierarquia da empresa. Muitas vezes, os núcleos fabris reúnem desde casas bastante simples e modestos sobrados e bangalôs dotados de jardins, até casas amplas e de excelente padrão construtivo destinadas a proprietários, gerentes e engenheiros.

Nota-se que as fábricas deram origem a várias aglomerações urbanas no estado de São Paulo, no período entre 1811 e o final da década de 1950. Essa constatação contribui para desfazer um equívoco frequente na bibliografia nacional sobre o tema, que consiste no entendimento desses núcleos como um fenômeno específico do início da industrialização. Contrariando essa noção, observa-se que entre 1930 e 1950, muitos dos assentamentos dessa natureza que já existiam foram ampliados, enquanto outros foram criados. O período áureo de construção e ampliação de núcleos fabris no estado de São Paulo se estende das duas últimas décadas do século XIX ao final da década de 1940, tendo sido observado um declínio acentuado na criação e na expansão desses assentamentos a partir de 1950.

Desde os anos 1950, mudanças na forma urbana e nas indústrias contribuíram para uma significativa desaceleração na criação desses assentamentos, assim como para o desmonte de vários dos núcleos fabris existentes. A partir de então, a tendência verificada é de o setor de assistência social das indústrias se confinar no interior dos estabelecimentos, através de refeitórios, cantinas e ambulatórios médicos. Os serviços médicos surgem geralmente como os únicos que se estendem aos familiares dos empregados, através do atendimento em ambulatórios ou hospitais mantidos por indústrias ou com elas conveniados. Em vez da construção de moradias, muitas indústrias passaram a optar pela criação de serviços próprios de transporte gratuito, interligando bairros populares às instalações industriais.

Nesse momento, a atração, a formação e o controle da força de trabalho que impulsionaram essa ação das fábricas se modificam — amplo contingente de trabalha-

dores se concentra em áreas urbanas de diversos portes e o Estado amplia sua ação em transporte, educação, saúde e moradia —, enquanto a necessidade de proximidade com as fontes de energia também é superada pela ação de concessionárias e do Estado no setor. As fábricas rapidamente se adaptam às novas circunstâncias, seja através de uma reversão da tendência de construção de vilas e núcleos fabris, seja nos destinos reservados aos existentes. Sob o último aspecto, entre os núcleos fabris tratados neste trabalho, só dois mantiveram essa condição até o momento atual. Os demais ou se converteram em cidades ou bairros ou foram demolidos, enquanto um — Ipanema —, foi preservado, mas com outra função. O fato de a maior parte desses assentamentos não ter sobrevivido não reduz sua importância no processo de urbanização do estado. Foram, efetivamente, uma importante forma de urbanização por mais de 100 anos. Cidades como Votorantim e Alumínio testemunham o impulso oferecido pela indústria ao processo de urbanização, enquanto os espaços vazios resultantes de núcleos fabris demolidos evidenciam o caráter efêmero do mundo industrial.

Essa ação das fábricas — assim como de outros tipos de empresas como usinas de açúcar, ferrovias, mineradoras e hidroelétricas —, é fundamental para uma compreensão ampla das diversas origens do urbano ao longo do processo de povoamento e de estruturação da rede urbana paulista. Ao abordar a origem do urbano pela ação de fábricas nos séculos XIX e XX, este trabalho buscou estabelecer diálogos com outros centrados no período colonial e no século XIX. Com isso, a partir de um arco temporal longo, busca-se contribuir para identificar os condicionantes mais constantes e as inovações que foram sendo introduzidas nas diversas origens, formas e situações nas quais o urbano emerge.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE de Sorocaba: 1950. Itu: Tipografia Macedo, 1950.
- ALUMÍNIO. *Histórico do município de Alumínio*. Alumínio: Prefeitura Municipal de Alumínio, [2010?].
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS METAIS. *Metalurgia e desenvolvimento: a corrida dos metais no Brasil*. São Paulo: ABM, 1989.
- BALLEIRAS, M.H.M. *Indústria e habitação: arquitetura fabril no interior de São Paulo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002.
- BANDEIRA JÚNIOR, A.F. *A indústria no estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Typ. do Diário Official, 1901.
- BLAY, E.A. Habitação: a política e o habitante. In: BLAY, E.A. *A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p.75-86.
- BLAY, E.A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- CENTRO DOS FABRICANTES NACIONAIS DE PAPEL. *A marca d'água no papel de imprensa e a indústria nacional de papel*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, [1925].

- CORREIA, T.B. A indústria e a moradia operária: as diferentes formas de acesso a casas em vilas operárias e núcleos fabris. *Sinopses*, n.28, p.9-18, 1997.
- CORREIA, T.B. Moradia operária e memória: o desmonte de Carioba nos anos 80. In: ENCONTRO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, 2004, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2004.
- CORREIA, T.B. Art déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista*, v.16, n.2, p.47-104, 2008.
- CORREIA, T.B. Ornato e despojamento no mundo fabril. *Anais do Museu Paulista*, v.19, n.1, p.11-80, 2011.
- CUSANO, A. *Il Brasile Gl'Italiani e la guerra*. Roma: L'Italo-Sudamericana, 1921.
- D'ARACE, R.C. *Princesa do Norte*: história de Pindamonhangaba. São Paulo: Piratininga, 1954.
- ENGELS, F. *Questão do alojamento*. Porto: Firmeza, 1975.
- GUNN, P.; CORREIA, T.B. A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos fabris. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.7, n.1, p.17-53, 2005.
- GUNN, P.; CORREIA, T.B. Ascensão e declínio de um modo de morar: vilas operárias e núcleos fabris no estado de São Paulo. *Desígnio*, v.6, p.143-164, 2006.
- HÁ 40 ANOS nascia em Sorocaba um grande sonho. *Cruzeiro do Sul*, v.2, n.121, 1986.
- INVENTÁRIO de todos os pertences da Real Fabrica do Ferro de São João de Ypanema, edificios, officinas, armazem, escravos, animaes, ferramentas, maquinas e materiaes. São Paulo: Condephat, 1821.
- JERONYMO, V. *Caieiras*: núcleo fabril e preservação. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2011.
- OCTAVIO, B.; MELILLO, V. (Org.). *Almanach historico e estatístico de Campinas*: 1912. Campinas: Typ. da Casa Mascote, 1911.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SCANTIMBURGO, J. *José Ermírio de Moraes*: o homem — a obra. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- VICHNEWSKI, H.T. *As indústrias Matarazzo no interior paulista*: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960). 2004. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- VOTORANTIM. *Votorantim 2000*: memórias de uma cidade. Votorantim: Prefeitura Municipal de Votorantim, 2000.
- VOTORANTIM. *Memória Votorantim, rumo aos 100 anos*. São Paulo: Strotbek & Bravo Associados, 2006.
- ZEQUINI, A.; ANDRADE, V. *Papel de Salto*: 110 anos de evolução e tecnologia. Salto: Papel de Salto, 1999.

Recebido em 8/10/2012,
reapresentado em
23/11/2012 e aceito
para publicação em
12/12/2012.

TELMA DE BARROS CORREIA Professora Doutora | Universidade de São Paulo | | Instituto de Arquitetura e Urbanismo | Av. Trabalhador Sãocarlense, 400, Centro, 13566-590, São Carlos, SP, Brasil | E-mail: <tcorreia@sc.usp.br>.